

REZADEIRAS E ERVEIRAS DO CARIRI: O FIO DECOLONIAL TECEDOR DAS PRÁTICAS DE CURA EM ABYA YALA

Nayara de Lima Monteiro¹

O Cariri cearense é marcado pelos registros históricos de povos originários, como os Kariri, inspirando a criatividade humana ritualizada através de manifestações culturais, saberes, como os das erveiras e rezadeiras. As experiências, conhecimentos e a própria existência dessas mulheres escolhidas para serem protagonistas desta pesquisa sobrevivem e resistem mesmo com todo o Poder da Matriz Colonial operando. As subjetividades que estas sujeitas carregam consigo decolonizam esse panorama, pois é possível reler essas práticas como parte dos processos decoloniais em Abya Yala², num encontro entre ciência e saber popular, propondo uma reconstrução da história que acolha respeito radical às perspectivas culturais diferentes e o esforço por parte dos povos em retomar os fios de suas tramas.

Palavras-chave: Rezadeiras. Cariri Cearense. Decolonialidade.

No começo era o verbo, mas também o corpo e o espírito

Marcado pelos registros históricos de povos originários, como os Kariri, o Cariri cearense está localizado na Chapada do Araripe inspirando a criatividade humana ritualizada através de manifestações culturais, celebrações, saberes, como os das erveiras, rezadeiras, pateiras tradicionais, reizados e cordelistas, poetas/isas do sertão nordestino. No decorrer da pesquisa, notou-se que o gênero, a raça e o lugar de enunciação desses saberes demarcam o protagonismo para a sua (re)existência. As experiências, conhecimentos e a própria existência das mulheres escolhidas para serem protagonistas desta pesquisa sobrevivem e resistem mesmo com todo o Poder da Matriz Colonial operando.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – UFSC, linha de pesquisa: Estudos de Gênero. E-mail: nayaramont@yahoo.com.br

²Na língua do povo Kuna, significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América e vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente, objetivando construir um sentimento de unidade e pertencimento (CELENTANI, 2014).

Assim, esta pesquisa faz parte da finalização do Trabalho de Conclusão de Curso da pós-graduação *lato sensu* em Arqueologia Social Inclusiva que cursei na Fundação Casa Grande - Memorial Homem Kariri em parceria com a URCA (Universidade Regional do Cariri) em Nova Olinda – CE de 2017 a 2018. Para tanto, realizaram-se vivências etnográficas e entrevistas semi-estruturadas com quatro rezadeiras na zona rural de Brejo Santo-CE, são elas: Dona Maria, Dona Carminha, Dona Francisca e Dona Socorro. E com a erveira Dona Maria em Juazeiro do Norte-CE. Tudo isso convergiu na produção deste artigo e de um audiovisual chamado “Saberes da Terra”, lançado em setembro de 2019 na comunidade das rezadeiras, qual seja, Fazenda Canafístola, zona rural da cidade de Brejo Santo - CE.

Este lugar foi um dos que frequentei na minha infância e já desde criança tive contato com o universo da cura com as rezas e o uso das plantas medicinais, sendo assim outros motivos que me fizeram escolher as rezadeiras desta localidade e a erveira de Juazeiro do Norte-CE para fazer a pesquisa. Já que além de serem mulheres que convivi e convivo até o momento presente, no mote do que seria uma “arqueologia dos afetos”, uma intuição durante algumas conversas com colegas e professores/as, depois das aulas expositivas do curso, fizeram com que minha curiosidade em relação ao universo da cultura popular da cura através dos rezos e plantas pelas mulheres apontasse para estas mulheres nestas localidades. Com isso, justifico a relevância deste trabalho que já deriva de uma pesquisa finalizada, mas também em andamento, pois continuo esse labor em nível de doutorado, e que apresenta um elo entre o pensar-sentir da pesquisadora e a escolha teórico-prática aqui trabalhada.

Realizou-se, ademais, uma revisão bibliográfica em livros e afins (virtuais e impressos) sobre os temas em questão alocados nos estudos decoloniais latino-americanos. Todavia, foi tendo conversado com e escutado essas mulheres que o embasamento teórico deste trabalho foi complementado.

É possível o conhecimento científico ser dialógico com os saberes tradicionais ancestrais?

Rezar em outras pessoas e conhecer as propriedades das plantas são práticas ancestrais que se originam pela experiência dos grupos sociais presentes em um meio, em certa cultura, com certas sociabilidades, sendo comunicadas em redes variadas nas relações desse meio. Essa comunicação pode ser a partir da transmissão oral desses

saberes de geração a geração, pela observação da prática de tais ofícios, pelo dom divino que “Deus dá” ou o “chamado” para os ofícios.

Tais saberes e práticas estão presentes em diversas localidades, como nos Andes chilenos, no México, nas terras guaranis e dos povos amazônicos, no Cariri cearense, nos pampas gaúchos no Brasil, na Argentina e no Uruguai, territórios de Abya Yala, apresentando um núcleo semelhante que os interconecta nessa grande teia de territorialidades, saberes, ofícios, memórias, povos originários, tradicionais, identidades, gênero, espaço-tempo-dimensões.

O Cariri, em específico, apresenta uma riqueza de manifestações culturais, expressões, celebrações, saberes e fazeres, que dentre estas estão os rezos e os conhecimentos sobre as propriedades curativas das plantas. E é em torno da figura da mulher campestre, originária (ou descendente direta), afrodescendente, quilombola, agricultora, ou que mora nas periferias urbanas, que se mantem o fio tecedor dessas práticas de cura.

Nessa perspectiva, problematizando este universo de estudo, alguns questionamentos surgem para auxiliar na vivência e leitura desses saberes nesse labor científico iniciado em 2018: Por que o gênero demarca o protagonismo na manutenção, (re)existência desses saberes-ofícios? Como os recortes de raça e lugar de enunciação desses saberes podem auxiliar no entendimento da sua preservação? Como esses conhecimentos de saber-fazer contribuem na reconstrução e fortalecimento de uma identidade latino-americana?

Essas perguntas foram alguns primeiros guias para o debruçar nas leituras sobre tais temáticas e para minha ida a campo com o olhar de pesquisadora ativo dessa vez, já que minha vida sempre esteve permeada por esse universo das rezadeiras e dos cházinhos curadores e acalmadores. Perguntas que guiaram, contudo, o que a troca com as rezadeiras e erveiras mostraram vão além dos possíveis limites apresentados nas questões.

As experiências, conhecimentos e a própria existência dessas mulheres escolhidas para serem protagonistas desta pesquisa fazem parte do “universo do outro lado da linha abissal” (SANTOS, 2007)³. São saberes que sobrevivem e resistem há

³O pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que estas últimas fundamentam as primeiras. As distinções invisíveis são estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o ‘deste lado da linha’ e o ‘do outro lado da linha’. A divisão é tal que ‘o outro lado da linha’ desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob

séculos mesmo com todo o Poder da Matriz Colonial operando. As subjetividades que estas sujeitas carregam consigo encontram-se no lado da face colonial desse paradigma, composto pelo tripé da colonialidade (saber, poder, ser). Mas, ao mesmo tempo, decolonizam esse panorama, e é aqui que reside a grandiosidade dessa pesquisa.

As rezadeiras são “canais de cura para os males da alma”. Para se curar, a pessoa que requisita tal reza “tem que ter fé”. Elas, as rezadeiras, acreditam que antes dos males formarem morada no corpo físico, estes já estão nos corpos sutis (alma ou espírito). Por sua vez, as erveiras são mulheres que detêm conhecimentos sobre as propriedades das plantas para curar alguma doença ou mal-estar físicos. São mulheres amigas das plantas e profundamente arraigadas a estas. Tais saberes são relevantes a ponto de o próprio Estado brasileiro reconhecer como política pública de saúde o manejo dos fitoterápicos e das plantas medicinais para tratamentos de doenças.

O paradigma da Modernidade inaugurado no século XV por Espanha e Portugal no continente latino-americano, traz consigo a face da Colonialidade. Esse paradigma estava (e continua) assentado nas necessidades da dominação capitalista imperial e na colonialidade, com o auxílio de outros sistemas de dominação, como o patriarcado e o racismo. A América Latina, pois, foi o grande laboratório de engendrar vida à Matriz Colonial. Este grande território serviu de teste para o racismo a serviço do colonialismo, ademais de ser o continente fundacional deste, e, portanto, da modernidade, segundo Enrique Dussel (2005). Para tanto, a Matriz Colonial estruturou-se em três grandes pilares: colonialidades do poder, do saber e do ser.

Esses três conceitos servem de fundamento teórico para se compreender o paradigma dual da Modernidade que foi imposto nestas terras latino-americanas e em específico no Cariri. Junto aos estudos interdisciplinares decoloniais de Dussel, Quijano, Grosfoguel e Maldonado-Torres, serão postos em diálogo, a historiografia e a história, cultura e sociabilidades que construíram o Cariri e seus povos, dentro do território de Abya Yala.

É mais especificamente com as colonialidades do saber e do ser, que esta proposta irá caminhar, pois aí estão postos os recortes de validade de conhecimentos, lugar de enunciação de fala e as subjetividades de raça e gênero das parteiras, erveiras e

qualquer modo de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção de inclusão considera como o ‘outro’. A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha. O universo ‘deste lado da linha’ só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante: para além da linha há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética (SANTOS, 2007).

rezadeiras caririenses. Tendo em vista que a matriz colonial do poder é uma estrutura complexa de níveis entrelaçados, controlando a economia, a natureza e os recursos naturais, o gênero, a sexualidade, o conhecimento, as subjetividades e centralizando a autoridade (Maldonado-Torres, 2008).

Como horizonte para uma nova leitura e atuação de vida mais coerente e integral, é que se chega ao campo dos estudos decoloniais latino-americanos. A decolonialidade aparece como o terceiro elemento da modernidade/colonialidade. Deriva do “Giro decolonial” que significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico a essa lógica dual (DUSSEL, 2005). Neste trabalho, analisam-se saberes e práticas ancestrais protagonizados por um gênero definido, racializados, com classe social demarcada e enunciação do local da fala desde o Sul do Mundo no Cariri cearense. Estes saberes estão imbricados numa existência resistente à “primeira modernidade” e às outras que se deram ao longo desses séculos (LUGONES, 2014), e estão de alguma maneira em tensão com esta lógica, por estarem localizados no “universo do outro lado da linha abissal” (SANTOS, 2007). Isso não quer dizer que são pré-modernas, ainda que sejam “não modernas” em alguma medida.

Porém, são conhecimentos, valores, práticas culturais, ecológicas, espirituais constituídas em oposição à lógica imperial, ocidental, hierárquica, conformadora do paradigma modernidade/colonialidade que resume a vida em categorias estanques e duais: negro/branco; homem/mulher; corpo/razão; barbárie/civilização. Pode-se afirmar que são práticas e saberes *per si* decoloniais, ainda que com o passar dos séculos, pontos coloniais continuem existindo em algumas dessas práticas, como, por exemplo, a devoção aos santos do catolicismo pelas rezadeiras.

Outro aspecto que demonstra a relevância de pôr em diálogo o conhecimento científico e tais saberes e ofícios, é que se complementem, pois estes últimos apresentam a potencialidade em abordar o/a humano/a na sua integralidade tão fragmentada e especializada pela Modernidade, já que se trata aqui de dimensões humanas que vão além da razão.

O respeito às tradições é o principal pilar no qual se sustentam as mulheres que praticam a medicina curativa e os benzimentos ou rezas. É no sentido de auxiliar no resgate, na valorização, na manutenção da cultura popular, dessas memórias, na (re)existência das subjetividades decoloniais dessas mulheres, denominadas “Otras Modernidades”, como assinala Celestani (2014), que é fundamentada a importância deste trabalho teórico-prático.

Além desses pontos, traz-se também o compromisso e a ética para construir relações decoloniais desde a Academia. Os estudos decoloniais e as Epistemologias do Sul são posturas, antes de tudo, de vida e estar no mundo que tem sido materializadas também dentro das Instituições de Ensino Superior ao redor do Sul do Mundo. Este trabalho vem na intenção de fortalecer tais estudos dentro do seio da Universidade, junto à comunidade, no caso das mulheres sujeitas da pesquisa, e à identidade latino-americana construída pelas lutas resistentes das mulheres nas suas diversas frentes, política, artística, intelectual, etc.

O “giro decolonial” juntamente à noção de transmodernidade de Dussel (2005) vem auxiliar este trabalho a pensar e vivenciar tais saberes e práticas como parte da própria decolonialidade, apoiando a existência-resistência desses ofícios a partir das mulheres. O conceito de transmodernidade de Dussel pretende evidenciar que a modernidade não é um fenômeno meramente intraeuropeu, mas constituído pela sua face oculta: a colonialidade. É esse lado oculto que Santos (2010) chama de “o outro lado da linha abissal” que se desenvolveu o mundo periférico colonial. Aqui reside também a contribuição das Epistemologias do Sul:

(...) son el reclamo de nuevos procesos de producción, de valorización de conocimientos válidos, científicos y no científicos, y de nuevas relaciones entre diferentes tipos de conocimiento, a partir de las prácticas de las clases y grupos sociales que han sufrido, de manera sistemática, destrucción, opresión y discriminación causadas por el capitalismo, el colonialismo y todas las naturalizaciones de la desigualdad en las que se han desdoblado; (...) el racismo, al sexismo, el individualismo, lo material por encima de lo espiritual y todos los demás monocultivos de la mente y de la sociedad –económicos, políticos y culturales– que intentan bloquear la imaginación emancipadora y sacrificar las alternativas (SANTOS, 2010, p.16) (grifo nosso).

As erveiras e rezadeiras estão no Cariri cearense marcado pelos registros históricos de grupos de povos originários, dentre eles os Kariri, cuja braveza indômita lhes propiciara a posse de tão ricas terras. Quando o colonizador português começa a expandir o colonialismo desde a Metrópole, iniciam-se as disputas por essas terras férteis no final do século XVII. O nome “Cariri” foi herdado desses(as) nativos(as) submetidos(as) à catequização no século XVIII. Assim, incorpora-se o sentido mítico-ancestral ao conceito de lugar de onde se enuncia a fala, pelo sentimento de representatividade, de valentia e resistência dos Kariri neste território contra o colonizador e todo o seu formato de vida imposto contra esse povo (LIMAVERDE, 2015).

Os fatores ambientais e vestígios arqueológicos sugerem que a escolha do habitat humano na região aconteceu desde épocas muito antigas. Percebe-se essa integração porque o ambiente da Chapada do Araripe⁴ reflete na cultura local, sendo o Cariri considerado o berço da cultura cearense, inspirando com maior intensidade a criatividade humana que é ritualizada através de inúmeras manifestações culturais, expressões, celebrações, saberes e fazeres, como os das parteiras, erveiras e rezadeiras (FIGUEIREDO FILHO, 2010). O Cariri é uma riqueza em patrimônio imaterial, mestres da cultura popular, manifestações artísticas e movimentos de arte popular e contemporânea, sendo marcado pelos movimentos messiânicos do mítico Padre Cícero Romão Batista e da experiência comunitária-mística do Caldeirão do Beato José Lourenço (século XIX) (LIMAVERDE, 2015).

Por fim, os estudos do “feminismo decolonial e descoloniais” de Lugones e Bidaseca, com a “colonialidade de gênero” e os aportes no sentido mais pedagógico-cultural de Walsh (2009), de identidade de Gargallo (2014) e de raça de Segato (2007), auxiliaram na fundamentação desta escolha teórico-prática, pois propõem uma reconstrução da história que acolha respeito radical a valores, metas e perspectivas culturais diferentes e o esforço por parte dos povos em retomar os fios de suas tramas históricas abandonadas. Pois, a superação de um paradigma global da Modernidade em “Nuestra América” só acontecerá ao se reconhecer e narrar a multiplicidade de ideias e histórias que a constituem, valorizando as contradições e as transformações das práticas *abya yalianas*.

Rezoz, chás, encontros: decolonizando

No dia 23 de outubro de 2018, as coisas, fatos, situações e pessoas foram se sintonizando de uma forma que fui parar no Brejo Santo-CE, praticamente onde me criei. Fui com Adjedan, colega de curso da especialização em Arqueologia Social Inclusiva e ele foi me mostrar a área de ocupação indígena, provavelmente dos Kariri, na cidade mencionada. Jorravam cacos de tigelas nas estradinhas. Adjedan explicou

⁴ “É uma Serra em decomposição que delimita geograficamente três Estados: Ceará, Pernambuco e Piauí. Seus braços, ao oeste, estendem-se chegando à fronteira do Piauí, onde se encontram com a Serra da Ibiapaba. Ao leste, seus vales férteis chegam até quase o limite do Estado da Paraíba pela Serra do Saco e Serra Verde. Ao sul, em toda a sua extensão, limita-se com o Pernambuco. Ao norte, abre seus flancos avançando em direção a depressão sertaneja cearense. (...) Ao norte, a natureza do subsolo dessa bacia sedimentar torna a Chapada do Araripe um grande reservatório de água (aquíferos), dando origem às inúmeras fontes de pés de serra: O Cariri cearense (LIMAVERDE, 2015).

muita coisa, e coincidentemente, o pessoal do Instituto de Arqueologia do Cariri conectado à Fundação Casa Grande, também tinha ido sondar a mesma área para trabalhar os resquícios arqueológicos do local naquele mesmo dia. Eu senti como um “deixe fluir a vida” que tudo vai se encaixando. Esse amigo também coincidentemente conhecia meu avô, um dos proprietários da fazenda onde as rezadeiras moram. Depois da explicação de Adjedan, peguei uma moto para a fazenda e fui filmando o cenário, a estrada e senti saudade de vovô, sentindo ele presente. A sensação que tinha era que ele estava ainda vivo e que não tinham passado tantos anos de seu falecimento.

Chegando na referida fazenda, parei na casa de Dona Paula e já fui sentando no chão, tirando as comidas que tinha comprado da mochila, sendo bem recepcionada. As meninas, Carmem, Luísa, Ópera, Ticiania, me recepcionaram bem, me senti em casa, como criança. E fui dizendo o porquê de ter ido e todas já sabiam e, inclusive, conheciam rezadeiras ou parteiras, já que erveiras, todas elas são. Era hora do almoço e continuei sentindo o clima da casa. Todas as mulheres, sem exceção, servindo os homens. Os homens como crianças, pedindo para elas “botarem o dicumê”, “cadê minha toalha?”, “preparar o café”, “ligar a TV”... Servindo os que estavam doentes. Todas e todos de prontidão. Uma solidariedade mútua, que às vezes parece submissão, mas me pergunto: e se o feminino for isso também? Está tudo bem? Continuo refletindo e observando para entender melhor esse cuidado “sem limites” aparentemente dessas mulheres. Em tempo: todos/as votaram Haddad e todos/as estão em oração pelo clima político do momento.

Depois Carmem aproxima-se e começa a conversar sobre os rezadores que ela já foi para levar o nome do irmão alcoolista para rezar e ajudar a curar o vício. Ela relata sobre os santos que vê nos altares dos rezadores e diz: “tem uma santa das águas, rainha das águas com uns cabelão”. Eu digo: “Iemanjá?”, ela responde: “é”. Me acabei na gaitada e ela também, como quem encontra alegria no conforto para compartilhar o segredo da magia da mãe das águas. Senti como uma introdução sobre o poder da reza, da oração como canal de acessar outros planos para ajudar quem está aqui nesta dimensão da matéria, pesquisando ou vivendo simplesmente.

Dormi profundo e quando acordei, tomei café e fui pensar nas frases, perguntas para o roteiro das entrevistas. Pari estas:

1) Nome, lugar de nascimento, lugar de nascimento dos pais, dados pessoais outros.

2) Pais e mães rezadores(rezadeiras)? Avós e Avôs?

3) Como começou a prática de rezar em outras pessoas? E o conhecimento sobre as ervas e seus usos?

4) Há quanto tempo pratica o ofício?

5) As práticas são mais femininas, realizadas por mulheres?

6) É cobrado o ofício? É muito procurado?

Enquanto isso, chegava no meu celular a mensagem de um amigo que estava de viagem no Pará perguntando o seguinte: “será que Dona Betinha não quer uma planta da floresta pra curar algo nela?”, melhor confirmação para que siga com a pesquisa, desconheço.

A primeira entrevista foi feita com Dona Maria, moradora da Fazenda Canafístola, no mesmo dia, pela tarde e noite, e foi regida pela força da lua cheia deste dia. Já nesse primeiro momento, foi sendo percebido como o ofício da reza está permeado pelo sincretismo religioso, de crenças e santos cristãos e os elementos da natureza. A presença da lua, da serpente, das plantas, da terra e do misticismo envolvendo estes símbolos estiveram presentes desde o começo de nossos diálogos. O saber da reza, para Dona Maria, foi repassado por sua avó e mãe, por meio da oralidade, vivência do cotidiano e pelo “dom que Deus me deu”, segundo ela. Uma marca muito forte na sua fala foi a junção dos saberes da reza ou saber “cachimbeiro”, do uso das plantas como remédio para curar doenças no corpo físico, auxiliar mulheres no parto, com o saber científico médico. Ou seja, a consideração da horizontalidade dos saberes, ponto importante nos estudos decoloniais e das epistemologias do sul. Ademais, Dona Maria sempre esteve repetindo que é necessário que a pessoa que requeira a reza tenha “fé” e que ela é só um canal para a cura dos humanos. Ela foi a única das quatro rezadeiras que mencionou curar também os animais.

É com Dona Maria que logo temos a primeira menção da frase “pega a dente de cachorro” nas narrativas de todas as rezadeiras, quando ela faz uma retrospectiva das mulheres de sua família, em relação à bisavó que foi “pega pelos índio a dente de cachorro” e que logo depois, seu bisavô faz “sociedade com os índios e traz ela com doze anos pra morar com ele”. Os ascendentes de Dona Maria, provavelmente, eram de algum povo originário das terras do Cariri num passado não distante, pois ela até se contradiz em alguns momentos, deixando a entender que na verdade seus bisavós eram índios e sua reza descende desse universo. Leva no seu sobrenome “Matos” um indício desse passado dos seus bisavô e avô que viviam “nos matos...derrubou toda a mata da

gameleira”, localidade perto dessa fazenda mencionada. Dona Maria também na sua narrativa traz outro elemento que nos faz conectar a esse universo passado dos habitantes originários dessas terras antes ou do período de colonização, quando ela conta uma lenda sobre os índios terem “tapado uma barroquinha com ossos de ‘sariema’ ali no pé da serra que fez com que a água nascesse lá na nascente do Baixio do Boi”, fazendo referência aos mitos e lendas dos Kariri bem conhecidos da nascente do rio Batateiras no Crato-CE. “Se eles não tivessem feito isso, não teríamos água hoje em dia”, segundo Dona Maria. Tudo isso ela relata depois de falar de seus familiares que tinham relações com os índios. Dona Maria também já “pegou menino”, prática de parteiras tradicionais, e é “puxadora de ossos” ou “costura ossos quebrados”.

No dia seguinte, pela manhã, foi feita uma visita a Dona Carminha, rezadeira, sobrinha de Dona Maria acima mencionada, da família “dos Matos” que vive em outra fazenda ao lado. Ela mencionou na sua fala que aprendeu o ofício, como Dona Maria, observando sua mãe rezando cotidianamente nas pessoas que pediam por conta de algum mal-estar físico, espiritual e/ou mental. Dona Carminha prefere rezar em crianças, faz cura à distância e quando perguntada se normalmente ser rezadeira é algo mais atribuído às mulheres, ela diz que sim, mas que a força da reza só se mantém se você ensinar a outra pessoa que não for do mesmo sexo de quem ensina. Relata que os homens tem mais vergonha de abraçar o ofício, mas que ela tem muita afeição e carinho pelo dom que Deus lhe deu. Ensinou quais plantas e em quais condições estas estão melhores para fazer o rezo. Relatou também que a reza enfraquece se é aprendida por meio da escrita.

No período da tarde deste mesmo dia do encontro com Dona Carminha, fui encontrar com Dona Socorro, rezadeira, que vive há pouco mais de dois quilômetros das duas rezadeiras acima mencionadas, na localidade chamada “Deserto”, ainda zona rural de Brejo Santo-CE. Dona Socorro é sogra de um dos filhos de Dona Maria, demonstrando, assim, que existe um vínculo afetivo-familiar de todas essas rezadeiras até agora trazidas. Dona Socorro trouxe muitos pontos importantes sobre o universo dos rezos. Afirmou que a reza é forte se repassada de mulher para homem ou de homem para mulher, desconfirmando uma hipótese que eu tinha sobre esse saber ser repassado, em regra, de mulher para mulher. Ou seja, o universo das rezadeiras não é somente “feminino”, mas composto mais pelo “feminino” culturalmente construído no corpo e papéis sociais endereçados ao ser mulher nestes tempos. Os homens, é que, segundo ela, estão mais desconectados desse universo, por vergonha, falta de compromisso ou por

acharem que ser rezador é “coisa de mulher”. Pergunto o motivo disso e Dona Socorro crê que é porque “a mulher é mais paciente, mais calma”. Elemento que Dona Carminha também abordou em sua fala.

Dona Socorro aprendeu com a mãe a rezar e narra que desde quando estava na barriga da mãe, ela já era diferente, pois “chorou três vezes” quando ainda estava no útero materno. Esse universo de mitos é aprofundado quando ela relata que a sua avó, mãe de sua mãe, foi “pegada a dente de cachorro”. Pergunto, então, se ela se considerava “índia ou cabôca”, e ela envergonhada refuta “eu mermo não”, rindo. Depois volta atrás e fala que muitas pessoas perguntam ou inferem que suas rezas são dos caboclos, dos índios, mas é notável que ela se afeta com as menções, elemento a se pensar em como a colonialidade violenta ainda exerce um apagamento desses povos e suas memórias, que, talvez não fosse o sincretismo religioso, não existisse mais a prática dessas rezadeiras, já que todas em seu discurso falado mencionam as figuras dos santos, de Jesus Cristo e a Virgem Maria como guias para os seus rezos.

No dia seguinte, encontrei com a quarta rezadeira, Dona Francisca, que mora também na Fazenda Canafístola. Ela, diferente das rezadeiras mencionadas, aprendeu com a mãe do marido “pega a dente de cachorro”, descendente de indígena do estado da Paraíba, pois sempre levava seus filhos para serem curados com rezadeiras que moravam longe de sua casa. Disse que não sabe rezar muito, pois aprendeu já mais com uma idade avançada, mas reza em qualquer pessoa que pedir e em qualquer horário, ainda que seja indicado rezar até antes o sol se pôr.

Estando na cidade de Juazeiro do Norte, neste mesmo mês de outubro de 2018, fui encontrar com Dona Maria, erveira que compartilha seus conhecimentos no seu ponto comercial, ou banca, no Mercado Central nessa mesma cidade. Dona Maria tem afeição pelas plantas desde pequena. Filha de pai e mãe agricultores, desde criança já plantava horta em casa e foi aprendendo na vivência do seu entorno os usos medicinais de certas plantas. Seu pai, nos anos de 1980, começou a comercializar temperos e raízes em uma banca no Mercado Central e ela o auxiliava neste comércio. Ao mesmo tempo que aprendia com o pai, estudava em livros de medicina natural e plantas medicinais os saberes populares de cura com as plantas. Ela menciona que aprende muito também sobre esse universo trocando saberes com seus clientes. Demonstra ter uma conexão especial com as ervas e fala que não é correto comercializar as plantas pelo lucro somente. É necessário zelo e estudo, conexão com esse universo. Autodenomina-se erveira e não raizeira. No quintal de sua casa, contou que tem muitas plantas e que as

ama. Ainda mencionou que “os homens não gostam muito de planta, não sabem cuidar delas, só sabem cortar e matar”.

Tramas de continuidade...

Esses foram alguns relatos que compõem o universo das rezadeiras e erveiras do Cariri. Por questões de limitação material e de tempo, o trabalho ficou restrito a essa quantidade de mulheres. Contudo, acredita-se que já se auxilia a reler esse contexto a partir de uma perspectiva decolonial, situada da história passada e do presente das tramas do Cariri por meio das narrativas dessas mulheres, suas experiências, crenças e apontamentos de sua racialidade com os povos originários, provavelmente os Kariri, na região. Pela indicação inicial de existirem maior quantidade de rezadeiras mulheres, e pelo compromisso político-pessoal que levo comigo na defesa da vida em plenitude das mulheres por onde passo, escolhi trabalhar com este gênero específico, não deixando fechado para trabalhos futuros, abrir tal abordagem para pesquisar a atividade masculina desse universo, já que três das rezadeiras disseram que a força componente do ofício é mais contundente se passado entre sexos-gêneros diferentes.

Pode-se, então, afirmar que são práticas e saberes per si decoloniais, ainda que com o passar dos séculos, pontos coloniais continuem existindo em algumas dessas práticas, como, por exemplo, a devoção aos santos do catolicismo pelas rezadeiras, sugerindo que o uso destes possa servir como estratégica de (re)existência.

Essas práticas-saberes, com gênero específico na sua manutenção, racializados, resistentes a todo um processo histórico de colonização que tem consequências até o momento atual, vem nos auxiliar a ver e viver a vida humana além do mental, racional.

As narrativas dessas mulheres, suas experiências e crenças apontam a sua racialidade descendentes dos originários, provavelmente os Kariri. Em relação ao gênero, três rezadeiras disseram que a força componente do ofício é mais contundente se passado entre sexos-gêneros diferentes, ponto novo para continuar a pesquisa.

Depois do lançamento do audiovisual “Saberes da terra” em setembro deste ano corrente, continuo no caminho de ser ponte entre o conhecimento acadêmico e os saberes populares. No dia do lançamento, vi que é possível. Falei algumas palavras, apresentei os motivos de estar ali, de produzir o audiovisual, da importância dos saberes de cura delas. Do diálogo que estava sendo empreendido naquele dia com o conhecimento científico e com os saberes populares. Eu vi a semente plantada lá atrás

do meu desejo de trabalhar com grupos pequenos na horizontalidade fora de muros ganhando corpo. Falei da lua, da sincronia, de quando fizemos as gravações estávamos na lua cheia e no lançamento também estávamos sob seus auspícios. O Vídeo começa com Dona Maria falando de São Jorge e da importância de pedir a benção À mãe Lua. Ogun tava comigo, abrindo meus caminhos e finalizando o ciclo do audiovisual ali também.

Essas práticas-saberes vem auxiliar os estudos da decolonialidade no Cariri, importando-se também com as/os sujeitas/os imersas/os nesse encontro entre ciência e saber popular, propondo uma reconstrução da história que acolha respeito radical às perspectivas culturais diferentes e o esforço por parte dos povos em retomar os fios de suas tramas.

Referências

BIDASECA, Karina. **Perturbando el texto colonial**. Los estudios (pos) coloniales en América latina, Buenos Aires: San Benito, 2010.

CELENTANI, Francesca Gargallo. **Feminismos desde Abya Yala**. Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América. Ed: Corte y Confección, Ciudad de México, 2014.

DUSSEL, Enrique. **Europa, modernidade e eurocentrismo**. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO, setembro 2005. p. 55-70.

FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. **História do Cariri**. v.I. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

LIMAVERDE, Rosiane. **Arqueologia social inclusiva: a Fundação Casa Grande e a gestão do patrimônio cultural da Chapada do Araripe Nova Olinda, CE, Brasil**. Tese de doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2015. Disponível em: Acesso em mai 2017.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. Revista Estudos Feministas. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>>. Acesso em set 2018.

MALDONADO-TORRES, Nelson (2007). **Sobre la colonialidad del ser**: contribuciones al desarrollo de un concepto, em CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSGOUEL, Ramon (coords.) **El giro decolonial**: reflexiones para uma diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

RATTS, Alex. **Traços Étnicos**: espacialidades e culturas negras e indígenas. Fortaleza: Museu Do Ceará: Secult: 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos estud. - CEBRAP no.79 São Paulo Nov. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004>. Acesso em dez 2018.

SEGATO, Rita Laura. **La nación y sus otros**. Raza, etnicidad y diversidad religiosa en tiempos de Políticas de la Identidad, Prometeo libros, Buenos Aires, 2007.

QUIJANO, Aníbal (2000). **Colonialidad del poder y clasificación social**. Journal of world-systems research, v. 11, n. 2, p. 342-386.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad**: Luchas (de)coloniales de nuestra época. Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala,: Quito, 2009. Disponível em: <<http://www.flacsoandes.edu.ec/interculturalidad/wp-content/uploads/2012/01/Interculturalidad-estado-y-sociedad.pdf>> . Acesso em 20 nov 2018.